



Poemas

Quinhentismo literatura de informação

Jesus na manjedoura - Que fazeis, menino Deus,
Nestas palhas encostado? - Jazo aqui por teu pecado.
- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso
E de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado. -
Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino? - O amor me deu este
véu, Em que jazo embrulhado, Por despir-te do
pecado. - Ó menino de Belém, Pois sois Deus de
eternidade, Quem vos fez de tal idade? - Por querer-
te todo o bem E te dar eterno estado, Tal me fez o teu
pecado,

Barroco

Lâmpada do Sol tinha encuberto, Ao Mundo, sua luz
serena e pura, E a irmã dos três nomes descoberto A
sua tersa e circular figura. Lá do portal de Dite,
sempre aberto, Tinha chegado, com a noite escura,
Morfeu, que com subtis e lentos passos Atar vem dos
mortais os membros lassos.”

Arcadismo

Camões, grande Camões, quão semelhante Camões,
grande Camões, quão semelhante Acho teu fado ao
meu, quando os cotejo! Igual causa nos fez, perdendo
o Tejo, Arrostar co'o sacrílego gigante; Como tu,
junto ao Ganges sussurrante, Da penúria cruel no
horror me vejo; Como tu, gostos vãos, que em vão
desejo, Também carpindo estou, saudoso amante.
Ludíbrio, como tu, da Sorte dura Meu fim demandando ao
Céu, pela certeza De que só terei paz na sepultura.
Modelo meu tu és, mas... oh, tristeza!... Se te imito
nos transes da Ventura, Não te imito nos dons da
Natureza.

Romantismo

Juca Pirama”, de Gonçalves Dias [...] Sou bravo, sou forte, Sou filho do Norte; Meu canto de morte, Guerreiros, ouvi. [...] Eu era o seu guia Na noite sombria, A só alegria Que Deus lhe deixou: Em mim se apoiava, Em mim se firmava, Em mim descansava, Que filho lhe sou. [...] Tu choraste em presença da morte? Na presença de estranhos choraste? Não descende o cobarde do forte; Pois choraste, meu filho não és! Possas tu, descendente maldito De uma tribo de nobres guerreiros, Implorando cruéis forasteiros, Seres presa de vis Aimorés. [...]

Realismo naturalismo parnasianismo

Hoje, quero, em teus braços acolhido, Rever a estrada
pavorosa e escura Onde, ladeando o abismo da
loucura, Andei de pesadelos perseguido. Olha-a: torce-
se toda na infinita Volta dos sete círculos do inferno...
E nota aquele vulto: as mãos eleva, Tropeça, cai,
soluça, arqueja, grita, Buscando um coração que foge,
e eterno Ouvindo-o perto palpitar na treva.

Simbolismo

Quando Ismália enlouqueceu, Pôs-se na torre a
sonhar... Viu uma lua no céu, Viu outra lua no mar. No
sonho em que se perdeu, Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu, Queria descer ao mar... E, no
desvario seu, Na torre pôs-se a cantar... Estava longe
do céu... Estava longe do mar... E como um anjo
pendeu As asas para voar. . . Queria a lua do céu,
Queria alua do mar... As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par... Sua alma, subiu ao céu, Seu
corpo desceu ao mar...

Pré modernismo

SONETO Dedicado a Anna da Cunha "Ontem,
quanto, soberba, escarnecias Dessa minha paixão,
louca, suprema, E no teu lábio, essa rosa da algema, A
minha vida, gélida prendias... Eu meditava em loucas
utopias, Tentava resolver grave problema... _ Como
engastar tua alma num poema? E eu não chorava
quando tu te rias... Hoje, que vives desse amor
ansioso E és minha, só minha, extraordinária sorte,
Hoje eu sou triste, sendo tão ditoso! E tremo e choro,
pressentindo, forte Vibrar, dentro em meu peito,
fervoroso, Esse excesso de vida, que é a morte..." [10
set. 1890]

Modernismo

Quando o português chegou Debaixo duma bruta
chuva Vestiu o índio Que pena! Fosse uma manhã de
sol O índio tinha despido O português.